

ENTREVISTA COM CLAUDIA ANDUJAR:

O COMPROMISSO COM O INVISÍVEL

SUSANA DOBAL¹ (texto e fotos/legendas)

RESUMO Claudia Andujar é um dos principais nomes da fotografia brasileira, tendo publicado mais de trinta livros e participado de diversas exposições no Brasil e no exterior. Sua obra une engajamento com a causa dos Yanomami e experimentações com a linguagem fotográfica. Os indígenas Yanomami moram na Floresta Amazônica, em região de fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Na entrevista, Claudia Andujar fala sobre sua obra fotográfica e uma forte motivação para ela vinda da fuga que lhe foi imposta no início da vida, durante a II Guerra Mundial. O ensaio fotográfico que acompanha a entrevista investiga a obra da fotógrafa e busca conexões a partir de alguns dos seus livros e exposições, além de registrar o momento da entrevista no apartamento da fotógrafa, habitado também por sugestivas criaturas.

PALAVRAS-CHAVE Claudia Andujar; entrevista; fotografia; Yanomami; experimentação.

ABSTRACT Claudia Andujar is one of the main names in Brazilian photography, having published more than thirty books and participated in several exhibitions in Brazil and abroad. Her work combines engagement with the Yanomami cause and experimentation with photographic language. The Yanomami are indigenous people who live in the Amazon Forest, in the border region between Brazil and Venezuela. In the interview, Claudia Andujar talks about her photographic work and a strong motivation for it that came from the escape imposed on her early life, during World War II. The photographic essay that accompanies the interview investigates the photographer's work and seeks connections based on some of her books and exhibitions, in addition to registering the moment of the interview in the photographer's apartment, also inhabited by suggestive creatures.

KEYWORDS Claudia Andujar; Interview; Photography; Yanomami; Experimentation.

1. Susana Dobal é fotógrafa e professora titular na Universidade de Brasília, www.susanadobal.com.

A trajetória da Claudia Andujar, que faz dela um dos grandes nomes da fotografia brasileira, une engajamento, documentação e experimentação. Nascida em Neuchâtel, em 1931, ela não se considera suíça porque logo se mudou para Oradea, na Transilvânia, região que foi parte da Hungria até o fim da Primeira Guerra Mundial, e depois passou a ser da Romênia. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela fugiu com a mãe para a Suíça depois de o pai e a família dele serem deportados para um campo de concentração. De lá, ela aceita a oferta de um parente para ir morar nos Estados Unidos, onde estudou artes no Hunter College, em New Iorque. Em 1955, ela vai a São Paulo e termina ficando no Brasil, onde desenvolve uma carreira como fotógrafa com imagens publicadas em revistas como a *Realidade*, no Brasil, e as *Life*, a *Look* e a *Fortune*, entre outras. O contato com os Yanomami começou em 1970, quando foi convidada para participar de um número especial da *Revista Realidade* sobre a Amazônia, produzido durante um ano com jornalistas e fotógrafos espalhados pela região. Em 1971, ela ganhou uma bolsa da Fundação Guggenheim para trabalhar com os Yanomami, na bacia do Rio Catrimani, em Roraima. Naturalizada brasileira em 1976, ela voltaria à região e passaria décadas engajada na causa Yanomami, não só com a fotografia, mas também com a mobilização para conseguir recursos, assistência médica e a demarcação da terra. Os Yanomami são hoje cerca de 35 mil indígenas que moram no norte da Amazônia, na floresta entre o Brasil e a Venezuela. No território brasileiro, são mais de 200 comunidades. Em 1978, Andujar publicou o livro *Yanonami: frente ao eterno* e no mesmo ano, junto com Carlo Zacquini e Bruce Albert, forma a Comissão para a Criação do Parque Yanomami (CCPY) – a demarcação da terra Yanomami viria finalmente em 1992. Outros livros e exposições, nacionais e internacionais, sucederam essa publicação, como os livros *Mitopoemas Yanomami* (1978), *A vulnerabilidade do ser* (2005), *La Danse des Images* (2007), *Marcados* (2009), entre outros, e sua participação nas Bienais Internacionais de Arte de São Paulo em 1998, 2006 e 2013, além de diversas exposições dedicadas à sua obra. Em 2015, o Instituto Inhotim, em Minas Gerais, inaugurou uma galeria permanente dedicada ao trabalho de Claudia Andujar, com mais de 500 fotografias feitas com os Yanomami, na Amazônia.

O engajamento com a causa Yanomami e as experimentações com a linguagem fotográfica guiaram um percurso em que ela sempre se recusou a se acomodar com as fórmulas disponíveis para a fotografia documental. Embora uma tendência à experimentação já estivesse presente desde os primeiros trabalhos, anteriores ao contato com os indígenas, sua obra revela que para a realidade diferente dos Yanomami era necessário inventar soluções fotográficas que dessem conta daquela outra maneira de estar no mundo. Suas experimentações foram o tema de uma exposição no Itaú Cultural em São Paulo, em 2024, com curadoria do Eder Chiodetto.

Esta entrevista ocorreu por ocasião de a Universidade de Brasília propor o título de Doutor *Honoris Causa* à Claudia Andujar e fui visitá-la no seu apartamento em São Paulo para fazer esse convite.² Após ter preparado o dossiê para defender essa proposta na UnB, conhecendo a sua obra desde projeções feitas em aula ainda em slides analógicos reproduzindo o livro *Yanomami* (1998) e mais três teses de doutorado orientadas em que a obra de Andujar foi também um assunto,³ fui recebida pela fotógrafa ao mesmo tempo afetuosa e lacônica, lúcida e flutuante (figura 1). A entrevista faz parte de uma série de outras entrevistas que tenho feito com artistas, fotógrafos e pensadores sobre a fotografia, sempre acompanhadas por um ensaio fotográfico que investiga as ideias do entrevistado.⁴ No caso de Claudia Andujar, a minha busca era por tentar desvendar como ela utilizou a fotografia para registrar algo invisível que remete à existência dos Yanomami na Floresta Amazônica, uma existência representada por ela mais como um enigma a ser recriado do que como experiência a ser descrita.

2. Para a cerimônia da outorga do título de Doutor Honoris Causa à Claudia Andujar pela UnB ver: SOLENIDADE de Outorga o título de Doutora *Honoris Causa* à Claudia Andujar. UnBTV, 29 de março de 2023. (51 minutos). Disponível em: <https://x.gd/rMRNs>. Acesso em: 26 de junho de 2024.

3. As teses orientadas no programa de pós-graduação da Faculdade de Comunicação da UnB foram de Rafael Castanheira (*Rupturas na fotografia brasileira: a poética engajada de Claudia Andujar, Miguel Rio Branco e Mario Cravo Neto*, 2017), autor que ajudou no dossiê original em que foi proposto o título de Doutor *Honoris Causa* à Claudia Andujar; de Luzo Reis (*Expondo as sombras: a fotografia encontra a noite nas obras de Georges Brassai, Claudia Andujar e Antoine d'Agata*, 2022) e de Bruna Neiva (em andamento).

4. As entrevistas anteriores, publicadas em revistas acadêmicas e em um livro, estão disponíveis no site <https://x.gd/kyDXw>. Acesso em: 17 de outubro de 2024.



A obra de Claudia Andujar é povoada de belos *closes* de rostos indígenas, ou, antes de se dedicar a esse tema, *closes* também de outras pessoas nas suas viagens pelo Brasil. Os rostos ganham intensidade com a aproximação e com a iluminação tênue, trazendo uma impressão de intimidade com as pessoas fotografadas. Essa intimidade será buscada também no contato com a natureza – da própria fotógrafa e dos indígenas – e para representá-la, a fotógrafa criou diferentes soluções que traduzem o estar na floresta dos Yanomami.

Figura 1

SUSANA DOBAL No começo da sua vida, você esteve exposta a diversas línguas e nacionalidades por causa dos seus pais e da mudança de países. Isso influenciou a sua carreira na fotografia?

CLAUDIA ANDUJAR De certa maneira sim, porque eu quis conhecer o mundo, quis saber o que é o mundo e quando fotografo quero também que meu trabalho esteja envolvido numa coisa que representa a vida no mundo (figura 2).

SUSANA DOBAL Como foi sua infância?

CLAUDIA ANDUJAR Eu passei minha infância num lugar que pertenceu à Hungria, hoje pertence à Romênia, é a Transilvânia.



No canto da foto anterior tinha duas criaturas que aqui reaparecem em uma mata subentendida, situada em um andar alto do prédio em São Paulo, em rua paralela à Avenida Paulista. Claudia Andujar sempre quis que seu trabalho estivesse envolvido com a vida no mundo, certamente isso vem também da sua experiência inicial como fotojornalista. Mas a vida no mundo tem as suas ambiguidades e ela aceitaria o desafio de explorá-las.

Figura 2

SUSANA DOBAL Esse lugar te inspirou de alguma maneira?

CLAUDIA ANDUJAR Ele me deu um entendimento do mundo ao qual eu pertencia. A minha mãe e o meu pai se divorciaram quando eu ainda era criança. A minha mãe era da Suíça francesa, ela foi convidada pela família do meu pai para ir lá na Transilvânia para ensinar o francês e um pouco também do que é o mundo fora da Transilvânia. Eu passei minha infância lá. Depois, durante a Segunda Guerra Mundial, todas as pessoas da família do meu pai foram deportadas pelos húngaros e alemães. Então, é uma coisa muito dura, difícil de entender. Eu estava lá, eu participei de tudo isso, e depois a Hungria deportou os judeus, e a família do meu pai eram todos judeus que morreram em campo de concentração. Foi uma coisa muito difícil de aceitar, de conviver com esse tipo de regime que matou todas as pessoas que eram de origem judaica (figura 3).



Um objeto indígena indecifrável estava pendurado no alto da sala, mais parecido com uma escultura do Joan Miró, porém de palha. Meio bicho, meio objeto, meio utensílio? O horror do holocausto nos colocou de frente a uma dimensão absurda da humanidade. É justificável que a pessoa queira ir para bem longe do delírio coletivo que o produziu. Os vestígios, no entanto, são indeléveis.

Figura 3

SUSANA DOBAL Com isso você resolveu partir para outro lugar?

CLAUDIA ANDUJAR Eu fiquei em contato com a minha mãe quando toda a família do meu pai foi embora. Ela decidiu que queria voltar para a Suíça. Nós duas viajamos então para tentar chegar à Suíça, em um momento extremamente complicado. No fim, a gente conseguiu, mas foi uma jornada realmente difícil. Eu fiquei com tudo isso até hoje, a saída, a morte de todos os meus parentes. Minha mãe, então, como disse, quis voltar para a Suíça. Foi complicado porque os alemães queriam saber de tudo, quem é quem. Ficando com a minha mãe, não fui deportada, mas eu tinha que tomar muito cuidado para não ser também incluída entre os que seriam deportados e depois mortos. (figura 4).

SUSANA DOBAL Isso iria se refletir de alguma forma na sua carreira como fotógrafa?

CLAUDIA ANDUJAR Eu fiquei muito assustada com tudo isso. Com a minha mãe, nós fugimos com certa dificuldade, sem documentos, passaportes. Atravessamos a Hungria e depois a Áustria para chegar na Suíça. Foi uma viagem que durou vários meses. Então é uma coisa que me marcou até hoje, sem dúvida.



Há souvenirs de viagem cuidadosamente colecionados para prolongar os momentos felizes, e há também lembranças que involuntariamente nos acompanham e nos assombram. Não por acaso, um dos livros da Claudia Andujar que trata da obra dela com ensaios de diferentes autores, tem como título *A Vulnerabilidade do Ser*. Embora estejam integrados com a natureza, os Yanomami aparecem nas fotos dela também como pessoas vulneráveis a toda sorte de ataque, dos vírus dos brancos à serra elétrica que derruba a floresta.

Figura 4

SUSANA DOBAL Depois você morou em Nova Iorque?

CLAUDIA ANDUJAR Primeiro, com a minha mãe, nós voltamos para a Suíça. Ela voltou comigo para o lugar onde nasceu e cresceu. Acontece que uns parentes do meu pai descobriram que eu estava viva, que eu estava refugiada na Suíça. Eles então me perguntaram se eu queria emigrar para os Estados Unidos e ficar com a família lá do meu pai. Eu aceitei. Demorou um pouco, mas depois de um tempo eles conseguiram uma possibilidade de eu ir para lá. Eu então comecei uma vida nova, mas com tudo dentro de mim, do que aconteceu (figura 5). Eles me mandaram para a escola para aprender inglês, essas coisas, porque eu era ainda... não me lembro, mas eu tinha uns 13 ou 15 anos.



Na exposição no Itaú Cultural de SP dedicada às experimentações na obra da Claudia Andujar, um texto relatava a epifania que ela teve quando, ao lidar com sobreposições de imagens na mesa de luz, achou uma maneira de traduzir a experiência de integração com os espíritos e a natureza que o transe propicia, em rituais, conforme relatado pelos Yanomami e depois confirmado por eles ao verem as imagens. A série *Sonhos*, é produto dessa descoberta: aqui uma criatura de olhos arregalados olha o mundo do qual faz parte.

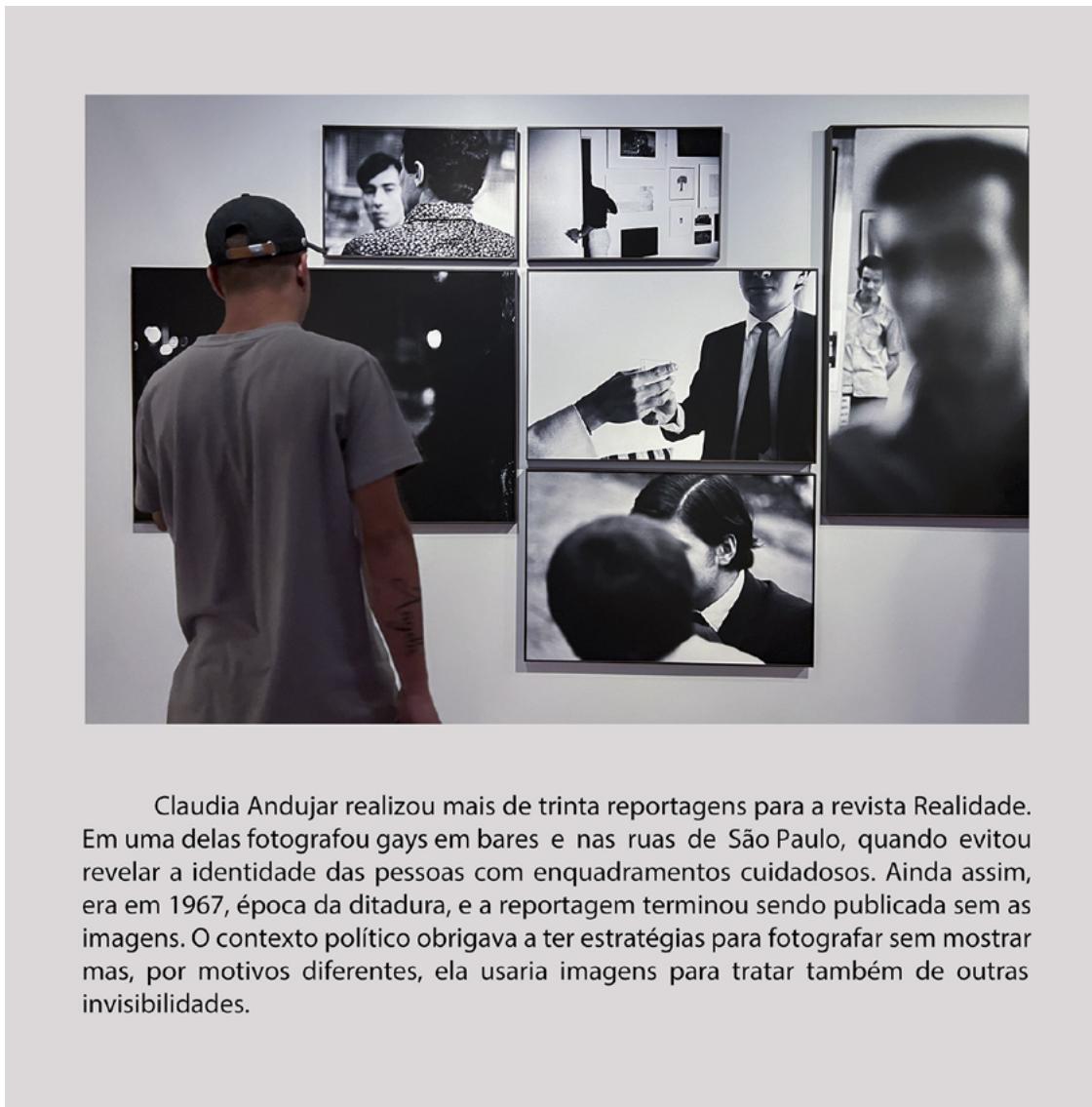
Figura 5

SUSANA DOBAL Como você veio parar no Brasil?

CLAUDIA ANDUJAR Quando saí da Suíça, eu fiquei um tempinho morando com a família do meu pai, mas depois eu quis ter a minha própria vida. Comecei a trabalhar, eu me interessei pela fotografia e passei a ganhar dinheiro com isso... (figura 6). Como era a sua pergunta?

SUSANA DOBAL Como você veio para o Brasil?

CLAUDIA ANDUJAR Minha mãe veio para o Brasil, mas na verdade ela não morou comigo. Ela continuou morando com uma pessoa que ela conheceu durante a Segunda Guerra Mundial. Ele convidou a minha mãe para vir morar com ele no Brasil. Eu cheguei no Brasil a convite da minha mãe, mas, uma vez que cheguei aqui, eu quis fazer a minha própria vida e foi então que eu comecei a viajar e conheci povos indígenas.



Claudia Andujar realizou mais de trinta reportagens para a revista Realidade. Em uma delas fotografou gays em bares e nas ruas de São Paulo, quando evitou revelar a identidade das pessoas com enquadramentos cuidadosos. Ainda assim, era em 1967, época da ditadura, e a reportagem terminou sendo publicada sem as imagens. O contexto político obrigava a ter estratégias para fotografar sem mostrar mas, por motivos diferentes, ela usaria imagens para tratar também de outras invisibilidades.

Figura 6

SUSANA DOBAL Quando você chegou no Brasil o que te levou a fotografar os indígenas?

CLAUDIA ANDUJAR Quando cheguei no Brasil, eu estava interessada em conhecer o país. Comecei então a viajar por aqui. Depois, eu já fotografava, então fui convidada para trabalhar como fotógrafa nessas regiões que eu conheci antes (figura 7).



Nas suas viagens por diferentes regiões do Brasil, Claudia Andujar visitou uma vila de pescadores no litoral norte de São Paulo (1968). Naquele início, ela já tinha enquadramentos que se destacavam pela originalidade, pela experimentação e pela proximidade com os fotografados. Por que se preocupar em mostrar o rosto do menino se a identidade dele também se revela pelas suas afinidades? Há ainda implícito o apelo ao tato, que seria recorrente em outras imagens dela – outra maneira de superar o meramente visível ao tocar com os olhos.

Figura 7

SUSANA DOBAL Antes dos Yanomami, você fotografou os Bororo no Mato Grosso e os Karajá na Ilha do Bananal...

CLAUDIA ANDUJAR Os primeiros índios que eu conheci foram os Bororo, mas isso foi antes de eu decidir me dedicar ao trabalho de conhecer e entender a situação desse povo que está ameaçado (figura 8).



O livro *La danse des images*, outra publicação primorosa da obra da fotógrafa, começa com um close de um caule enrolado, folhas abstratas, a lua ladeada por uma barriga grávida. A floresta vai se mostrando mais por meio de sensações quando repentinamente se vira a página e vemos essas toras derrubadas. A partir dessa ruptura, dá-se o contato com os brancos: seguem então detalhes de caminhões, olhares melancólicos, cuecas folgadas, Cristo crucificado pregado com uma fita adesiva na parede em que um jovem indígena se apoia.

Figura 8

SUSANA DOBAL O que te fez escolher os Yanomami?

CLAUDIA ANDUJAR Primeiro eu conheci outros indígenas do Brasil, depois cheguei aos Yanomami [em Roraima], eu vi a situação deles e quis entender melhor como é a situação de povos indígenas no Brasil. Isso estava muito ligado à minha própria história (figura 9).



Figura 9

SUSANA DOBAL Você fez uma exposição que se chamou *Genocídio Yanomami, Morte no Brasil* (MASP, 1989). Você já comentou em entrevista que o fato de conviver com o George Love te ajudou a conceber essa exposição. Eu queria saber por quê. A fotografia dele não era engajada. Era um projeto mais experimental?

CLAUDIA ANDUJAR (Silêncio). Eu não me lembro dessa exposição. Eu sempre fiquei interessada em entender a situação dos indígenas no Brasil. O que eles eram? Como o Brasil enxergava esses indígenas, qual é o destino deles no Brasil? Mas isso muito ligado ao meu passado (figura 10).



Na introdução do livro *La danse des images*, Claudia Andujar apresenta as suas fotos: “Uma lembrança sem dúvida parcial do caminho tortuoso do povo Yanomami, ao mesmo tempo ligada a um profundo desejo de compreender quem eles são e à busca de mim mesma no seio dessa coexistência.” Uma função dos olhos fechados é mantê-los duplamente abertos, para fora e para dentro.

Figura 10

SUSANA DOBAL O genocídio dos Yanomami já era um assunto naquela época. Passadas mais de três décadas a mesma questão está de volta. A Constituição de 1988 garantiu alguns direitos, teve demarcações de terra, mas o problema continua. Nos últimos anos, as invasões pioraram com o avanço do garimpo em terras indígenas e as graves consequências para os Yanomami. Qual a perspectiva que você vê para essa questão?

CLAUDIA ANDUJAR Na maneira como vejo, no caso da fotografia, tudo está relacionado à minha infância, como era um povo aniquilado e é uma coisa da minha própria história, eu queria entender o que estava acontecendo aqui no Brasil. De uma certa maneira eu me identifiquei com problemas que eu conhecia da minha infância.

SUSANA DOBAL Houve outros fotógrafos que informaram o seu olhar de fotógrafa?

CLAUDIA ANDUJAR Com certeza, mas no momento não me vem o nome.

SUSANA DOBAL Você já disse que se sente à vontade com os Yanomami e que eles também te ajudaram a compreender o seu próprio mundo. Como foi isso?

CLAUDIA ANDUJAR É porque os Yanomami também, no Brasil, foram tratados como não brasileiros, isso tem muito a ver com a minha própria vida.

SUSANA DOBAL No livro *A vulnerabilidade do ser*, você comenta que procura se aprofundar e chegar à essência das coisas. Como alcançar isso com a câmera na mão?

CLAUDIA ANDUJAR [Ela ri] Você tenta fotografar de maneira a que você consiga transmitir para outro o que você sente (figura 11).



Talvez eu também tenha rido, ou pelo menos internamente, quando em um piscar de olhos mais demorado da Claudia Andujar, apertei o disparador da câmera com uma certa euforia pois pensei ter enxergado na sua expressão o encantamento com que ela olhou para os Yanomami e avistei, ainda, sobreposto a ela, como nas justaposições da sua série *Sonhos*, aquele Buda que ela fotografou em Wakata-ú, Roraima, em 1971.

Figura 11

SUSANA DOBAL Você fez muitos experimentos com a fotografia, como o ensaio da Sônia, publicado na revista *Realidade* que tem imagens invertidas em negativo, imagens repetidas, e montou também um audiovisual com essas imagens. Essa sua vontade de experimentar com a fotografia vem da pintura?

CLAUDIA ANDUJAR Vem de como eu vejo o mundo. Quando eu fotografo, eu sempre quero comunicar o que eu sinto, como o mundo se apresenta para mim. É isso. Você pode fotografar de muitas maneiras.

SUSANA DOBAL Você começou com a pintura, depois passou para a fotografia. Por que você quis passar para a fotografia?

CLAUDIA ANDUJAR Quando eu fotografo, eu passo uma coisa muito íntima de mim. Me levou um tempo para aprender o português aqui. Com a fotografia eu consegui imagens que me inspiraram, eu não precisava pensar em outra língua e sim no que eu senti. O Brasil obviamente é diferente dos Estados Unidos e da Europa, então, essas coisas eu tentei expressar através da fotografia, ela foi a minha linguagem íntima (figura 12).



Além dos olhos fechados, o uso de desfoques e borrões são recorrentes na obra de Claudia Andujar, para sugerir uma outra dimensão da realidade. Eles aparecem em diversas fotografias de indígenas em transe induzido pela inalação do pó de yākoana, durante rituais. Aqui, um estar sentado de uma maneira peculiar com o rosto duplicado por um borrão, com aquele semissorriso reencontrado na imagem anterior, remete a uma outra maneira de estar no mundo que ela também quis investigar com a fotografia.

Figura 12

SUSANA DOBAL Embora você seja muito conhecida pelo seu trabalho com os Yanomami, olhando o seu livro, vejo que você fotografa também a natureza. O que te atrai na natureza?

CLAUDIA ANDUJAR Os Yanomami não vivem, obviamente, na cidade. Para mim a natureza era minha casa também.

SUSANA DOBAL Você já disse que quando você fotografa você se interessa em conhecer os outros, mas também em buscar a si mesma. Depois de tantas imagens, você se encontrou nelas?

CLAUDIA ANDUJAR Eu me encontrei no meu trabalho sim.

SUSANA DOBAL Apesar de todos os problemas trazidos pelo contato com os ditos “brancos”, você termina o livro *La Danse des Images* com uma imagem iluminada do Davi Kopenawa, de costas, e no seu texto você comenta que ele porta penas de arara, o ornamento dos espíritos que “encarna a transcendência da natureza da qual todos fazemos parte e onde se encontram e se completam todos os seres.” (figura 13). Em geral, apesar de tudo o que você passou e também da situação atual dos Yanomami no Brasil, você se considera uma otimista quanto ao destino humano?

CLAUDIA ANDUJAR A gente sempre tem que acreditar que tem uma possibilidade de sobreviver, que tem luz, senão você acaba de viver, você não faz mais nada.



O xamã Davi Kopenawa, porta-voz do povo Yanomami, aparece aqui de costas em um encontro de chefes. Anos depois, Claudia Andujar viaja com ele para Novo Iorque, onde se encontram com o secretário-geral da ONU, com funcionários da OEA, do governo americano e do Banco Mundial para articular sobre a questão Yanomami. O território deles seria finalmente homologado em 1992. A luz elétrica metamorfoseada em lua, o famoso personagem de costas, tudo se articula para transcender a realidade.

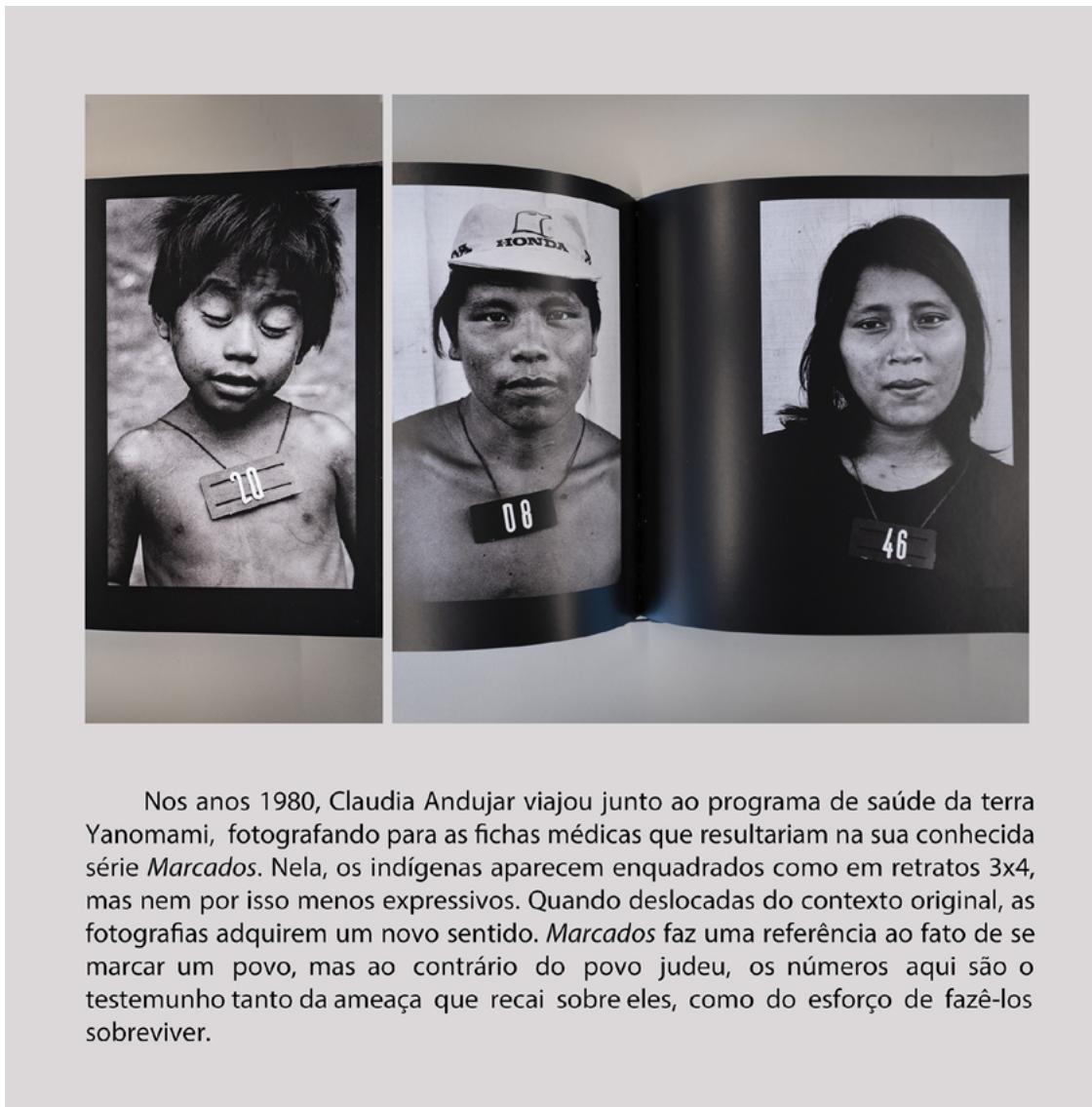
Figura 13

SUSANA DOBAL Fotografar os Yanomami foi então uma maneira de sobreviver?

CLAUDIA ANDUJAR Bom, para mim a fotografia é minha língua, minha linguagem. Faz parte da minha vida, sem isso não vou continuar a viver. Fotografar os Yanomami foi uma maneira de fazer com que eles fossem conhecidos como outro povo, que tem os mesmos desejos de viver, como nós.

SUSANA DOBAL Você passou longos períodos convivendo com eles?

CLAUDIA ANDUJAR Comecei a visitar os Yanomami em 1974. Eu sempre ficava muitos meses. Eu nunca fui lá para ficar três dias e ir embora. Sempre tentei conviver com eles, e não ficar como uma estrangeira. Eu sempre quis me sentir em casa, e consegui.



Nos anos 1980, Claudia Andujar viajou junto ao programa de saúde da terra Yanomami, fotografando para as fichas médicas que resultariam na sua conhecida série *Marcados*. Nela, os indígenas aparecem enquadrados como em retratos 3x4, mas nem por isso menos expressivos. Quando deslocadas do contexto original, as fotografias adquirem um novo sentido. *Marcados* faz uma referência ao fato de se marcar um povo, mas ao contrário do povo judeu, os números aqui são o testemunho tanto da ameaça que recai sobre eles, como do esforço de fazê-los sobreviver.

Figura 14

SUSANA DOBAL Ao revisitar as fotos tiradas junto com uma equipe médica que dava assistência aos Yanomami, você retomou as mesmas imagens e chamou o ensaio de *Marcados* (figura 14), fazendo uma referência ao nazismo e aos números tatuados nas pessoas. Porém, você se refere a esse ensaio como “marcados para viver”...

CLAUDIA ANDUJAR Eu queria ajudar os Yanomami, não queria que eles morressem. Fui então pedir apoio em outros países, na ONU. Com o meu trabalho, eu ajudei a fazer entender que existem outros povos e eles também têm que ser respeitados, deve ser dada a eles também a possibilidade de viverem como seres humanos (figura 15).



Quando enquadrei os bichos de pelúcia na janela do apartamento, foi dito que, a pedido da fotógrafa, eles eram recolocados ali todos os dias – lá onde pareciam olhar o mundo com estranhamento. A maneira que a Claudia Andujar encontrou para mostrar a humanidade dos Yanomami foi inventar um jeito de fotografar a afinidade dela e a transcendência deles. Ao final, ela segurou o meu braço e, com a franqueza que a idade permite, soltou essa: “Obrigada por gostar de mim.” Eu deixei estampado no rosto o semissorriso de Buda recém-assimilado enquanto pensava na criatura no teto da sala dela e nos animais colecionados na minha estante, a maioria deles, indígenas.

Figura 15